

O IMPACTO GLOBAL DA GUERRA NA UCRÂNIA

Página 2

GUERRA NA UCRÂNIA E A CIMEIRA DA NATO

Página 2

INDÚSTRIA DE DEFESA: FUNDO EUROPEU DE DEFESA

Página 3

EUROPEAN CYBERSECURITY JOURNAL

Página 4

A HORA DA VERDADE NA EUROPA

Página 4

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE

Página 5

O PROGRAMA HORIZON EUROPE

Página 6

CINCO MESES DE AGRESSÃO MILITAR RUSSA

O dia 24 de julho marcou cinco meses da invasão da Ucrânia pela Rússia decretada pelo presidente russo Vladimir Putin, do alto do seu poder absoluto e autocrático, com intuítos de expansão territorial totalmente inesperados no século XXI e uma visão neo-imperial.

Cinco meses de guerra mediatizada em tempo real colocaram o mundo inteiro perante o horror dos bombardeamentos indiscriminados e o elevado número de vítimas inocentes que diariamente sucumbem sob os escombros das suas habitações ou atingidos pelos estilhaços das bombas, e a multidão de refugiados que procuram abrigo longe de casa, apoiados pela solidariedade internacional.

A invasão russa devastou várias cidades ucranianas, causou uma crise humanitária e alimentou a insegurança em todo o mundo. Além do insuportável sacrifício do povo ucraniano, as dramáticas consequências desta guerra projetam-se muito para além das suas fronteiras e, de modo geral, atingem a segurança e a estabilidade da sociedade livre e democrática europeia e mundial com as mais variadas formas de ameaça, designadamente, as que resultam da crise energética e da crise alimentar convertidas por Moscovo em armas militares.

Como dizia Josep Borrell no discurso de aniversário do EUISS, no passado mês de junho, em Paris, “A guerra da Rússia contra a Ucrânia é um terramoto com consequências dramáticas, mais diretamente para o povo da Ucrânia”, mas “a guerra também está a afetar as pessoas longe do campo de batalha, com efeitos de ondulação em todo o mundo que podem originar um tsunami à escala global”.

Menos de uma semana após o deflagrar do conflito, a EuroDefense-Portugal publicou um **primeiro comentário** elaborado pelo Vice-presidente do Conselho Geral, Tenente-General António Fontes Ramos e pelo associado Professor Doutor Francisco Proença Garcia, onde os autores já previam o que hoje está amplamente confirmado.

Perante esta terrível situação, com o seu cortejo de dramáticas consequências humanitárias, económicas, sociais, geopolíticas, contribuindo para aumentar o grau de insegurança na Europa, a Associação EuroDefense-Portugal, em coerência com os princípios e valores que regem a sua atividade ao serviço da segurança e defesa europeia, não pode deixar de manifestar uma posição inequívoca de condenação e repúdio pela agressão militar russa na Ucrânia e de total solidariedade com o povo ucraniano.

A nossa luta é pela defesa intransigente dos objetivos e valores fundamentais da União Europeia, com destaque para a promoção da paz e a preservação de um espaço democrático de liberdade, segurança e justiça. Neste cenário de guerra provocada pela invasão de um País soberano, não pode haver ambiguidades nem equívocos sobre o lado certo da História: a Ucrânia é a vítima, a Rússia o agressor.

Lisboa, 31 de julho de 2022



António Figueiredo Lopes
Presidente da EuroDefense-Portugal



Discurso de HR/VP Josep Borrell na Conferência Anual do Instituto de Estudos de Segurança da União Europeia, 9 de Junho de 2022

A guerra da Rússia contra a Ucrânia é um terramoto com consequências dramáticas, mais diretamente para o povo da Ucrânia. A um custo enorme, defendem o seu país, a democracia e a soberania. Como todos sabem, a UE está totalmente mobilizada para os apoiar:

- sanções – com o 6º pacote centrado na proibição de petróleo de 90% no final de 2022 mais os seguros.
- apoio militar – até agora 2 mil milhões de euros do Mecanismo Europeu de Paz e muito mais virão.
- apoio financeiro – 9 mil milhões de euros em assistência macrofinanceira.
- apoio político: estamos a isolar a Rússia e os líderes da UE tomarão uma decisão sobre a concessão do estatuto de candidato à Ucrânia no final deste mês.

A minha mensagem-chave é a seguinte: temos de levar isto até ao fim e garantir a vitória para a Ucrânia. Para tal, temos de estar prontos para nos comprometermos a longo prazo, também quando a atenção e os custos subirem: temos de estar prontos para pagar o preço da

liberdade.

A guerra está a enviar ondas de choque para os países vizinhos: estou certo de que o Ministro Nicu Popescu irá definir o que está em jogo para a Moldávia. Mas crucialmente, a guerra também está a afetar as pessoas longe do campo de batalha, com efeitos de ondulação em todo o mundo. Eventualmente, estes podem criar algo de um tsunami à escala global.

Hoje quero concentrar-me nestas ramificações globais. Por uma questão de argumento, vou agrupá-las em duas grandes categorias ou em "cenários de risco". Não para fazer previsões precisas, mas para refletir sobre algumas tendências e escolhas políticas.

Vista através de uma lente geopolítica, a guerra corre o risco de criar um mundo bipolar de concorrência permanente e até de confronto. Entre os EUA, a Europa e os semelhantes, por um lado, e a Rússia mais a China, por outro. E com um grupo de "cercas" e "estados oscilantes" no meio.

Em vez da interdependência e da globalização que nos une e "um mundo liderado pela governação global", enfrentamos uma crescente fragmentação, onde tudo fica armado entre blocos rivais.

A cooperação multilateral corre o risco de ficar ainda mais difícil, até ao ponto de paralisia, mesmo em ameaças globais e "comuns globais" como as alterações climáticas, a biodiversidade, a pandemia, etc.

Usando uma perspetiva económica, a guerra corre o risco de criar uma tempestade geoeconómica. Já temos uma grande crise alimentar e energética, além do aumento da inflação e do menor crescimento. Isto poderia conduzir a um período de estagnação ou mesmo a uma recessão total, aprofundando as desigualdades globais.

O pano de fundo e, por conseguinte, a capacidade dos governos para lidar com estas ondas económicas, está condicionado pelos efeitos ainda persistentes da pandemia, ou seja, muita dívida e sem espaço fiscal.

Como sempre, as tensões económicas correm o risco de conduzir a crises políticas e de segurança, à radicalização e à migração descontrolada – na fronteira da Europa e mais longe.



A guerra na Ucrânia é vista como o principal problema europeu e uma ameaça à segurança de toda a Europa.

A Rússia é responsável por esta guerra.

Os espanhóis estão convencidos de que a Ucrânia não vai recuperar a Crimeia e acreditam que devem ser realizadas negociações com a Rússia para pôr fim à guerra, mesmo que seja à custa da perda dos territórios que a Rússia controla desde 2014.

A Espanha é considerada como estando em perigo devido a esta guerra. Este perigo é sobretudo económico, mas também há receios sobre a segurança do país.

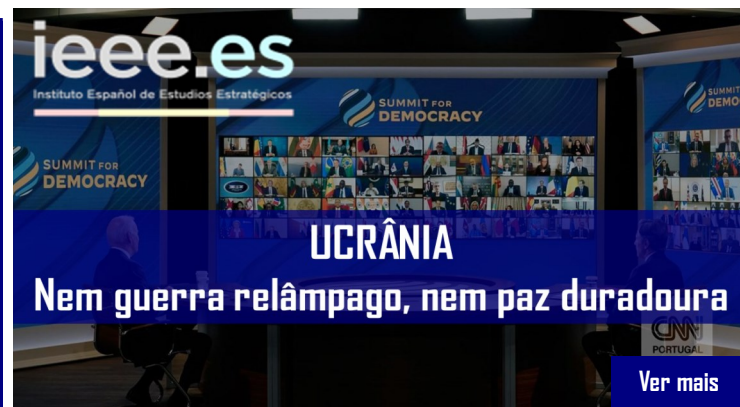
O apoio à adesão da Espanha à NATO, que é quase unânime à direita e ao centro, e a dois terços entre a esquerda, aumenta ligeiramente.

Os EUA não recuperaram o prestígio depois de Trump. As opiniões dividem-se sobre se a Europa deve ser mais autónoma em matéria de defesa ou se deve continuar ou mesmo reforçar a sua cooperação militar com os EUA.

O apoio às despesas europeias em matéria de defesa está a aumentar.

Duplica o grupo de espanhóis que têm uma opinião muito boa sobre as Forças Armadas e o seu contributo para o prestígio da Espanha através da sua participação em missões internacionais é mais valorizado.

A guerra na Ucrânia é vista como o principal problema europeu.



O prolongamento da guerra na Ucrânia está a ter graves

consequências para todos os intervenientes. As sanções impostas por alguns países a Moscovo não só prejudicam a economia russa, como também têm repercussões severas em toda a Europa. A coesão ocidental está sujeita a tensões decorrentes de diferentes perspetivas de ambos os lados do Atlântico. E os alinhamentos da comunidade internacional face à invasão russa da Ucrânia estão fortemente condicionados pelos interesses de cada país em relação à sua segurança energética. Com o fracasso da *blitzkrieg* russa na Ucrânia, a solução negociada para o conflito parece distante. As posições iniciais em torno de uma hipotética mesa de negociações são inconciliáveis. Tudo aponta para um conflito enraizado de longa data: uma guerra híbrida que descarta, indefinidamente, uma paz duradoura na Europa do século XXI.

O que deveria ter sido uma campanha curta, que alcançaria os seus objetivos em poucos dias e conseguiria derrubar o governo Zelensky, tornou-se ao longo dos meses uma guerra híbrida, com todos os elementos deste tipo de confronto: militar, económico, diplomático, desinformação e intensa atividade no ciberespaço. A guerra relâmpago não resultou e uma solução definitiva, que satisfaça as duas partes, não está à vista num período de tempo razoável. E quanto mais tempo durar a guerra, pior serão as suas consequências e mais difícil será encontrar uma saída.



INDÚSTRIA DA DEFESA

Fundo Europeu de Defesa (FED)

UE toma medidas para apoiar 61 projetos de cooperação industrial de defesa

A Comissão anunciou no dia 20 de julho planos para conceder um financiamento total da UE de quase 1,2 mil milhões de euros para apoiar 61 projetos colaborativos de investigação e desenvolvimento no domínio da defesa selecionados na sequência dos primeiros convites à apresentação de propostas ao abrigo do Fundo Europeu de Defesa.

Com as propostas selecionadas para financiamento, o FED apoiará projetos de capacidade de defesa de ponta, como a próxima geração de aviões de combate, tanques e navios, bem como tecnologias críticas de defesa, como nuvem militar, inteligência artificial, semicondutores, espaço, cibernética ou contramedidas médicas. Também liderará tecnologias disruptivas, principalmente em tecnologias quânticas e novos materiais, e explorará PME's e start-ups promissoras.

Saudando este importante passo para a cooperação de defesa europeia, a vice-presidente executiva, Margrethe Vestager, disse: “Os projetos de alta qualidade selecionados mostraram que a cooperação industrial de defesa na Europa pode ser realmente alcançada, e mesmo em larga escala. As quase 700 empresas que pesquisarão e desenvolverão a próxima geração de tecnologias de defesa inovadoras por meio de fundos da UE colocarão em movimento uma base industrial resiliente e competitiva. Com as PME a representarem 43% das entidades que participam em projetos selecionados, isto mostra que o programa do Fundo Europeu de Defesa envolve toda a cadeia de valor industrial da UE.”



Comissão Europeia — Comunicado de Imprensa



Propostas do FED 2021 (Resultados) — Factsheet



Fundo de Defesa Europeu (June 2021) — Factsheet



Fundo Europeu de Defesa Calls 2022 — Factsheet



Fundo Europeu de Defesa 2022 — Apresentação



Fundo Europeu de Defesa (Info Day) — Video



Fundo Europeu de Defesa (Info Day) — Apresentação

20 entidades portuguesas seleccionadas nas calls de 2021 do Fundo Europeu de Defesa

A Comissão Europeia publicou os resultados das calls de 2021 do Fundo Europeu de Defesa (FED).

Para responder às necessidades identificadas nas 23 calls, foram selecionados 61 projetos colaborativos no domínio da investigação e desenvolvimento para a defesa, totalizando um investimento da UE de aproximadamente 1,2 mil milhões de Euros.

De entre os consórcios vencedores, foi possível assegurar a representação portuguesa em 20, os quais representam cerca de 569 milhões de Euros do orçamento total e dos quais 516 milhões de Euros – 91% – correspondem à verba total financiada.



20 entidades portuguesas seleccionadas nas calls de 2021

Entidades portuguesas vão receber 5% do financiamento total do Fundo Europeu de Defesa

As 20 entidades portuguesas que participam nos consórcios selecionados pelo novo FED irão receber 53,4 milhões de euros, representando 5% do financiamento total, de acordo com dados da idD – Portugal Defence.

De entre os 61 projetos colaborativos selecionados para beneficiar do novo FED, 11 contam com a participação de entidades portuguesas.



Entidades portuguesas vão receber 5% do financiamento total

Factsheets dos projetos onde participam entidades portuguesas no programa do Fundo Europeu de Defesa para 2021



EICACS



EPIIC



ACTING



EDOCC



NEWMANN



MARSEUS



ECOBALIFE



EPC



NAUCRATES



FIBERSENSE



SEAWINGS



A NATO como Empreendedor de Normas sobre Ciberenvolvimento num Conflito de Terceiros

O conflito Ucrânia-Rússia em curso destacou a necessidade gritante da NATO assumir a liderança no desenvolvimento de normas compartilhadas entre os Aliados da NATO para envolver-se em cibernética ofensiva no novo ambiente de ameaças. À medida que as capacidades cibernéticas ofensivas proliferam dentro da Aliança, elas se tornarão parte do pacote de assistência militar oferecido juntamente com as capacidades convencionais pelos Aliados para ajudar uma das partes conflitantes em conflitos fora da NATO.

Conflito cibernético durante a guerra na Ucrânia

A guerra na Ucrânia está sendo travada não apenas numa camada cinética, dentro dos domínios físicos bem conhecidos da guerra, mas também no ciberespaço.

O poder da resiliência em camadas

A invasão russa não provocada da Ucrânia certamente ficará na história como uma violação flagrante do direito internacional vigente e da integridade territorial de outra nação soberana e pacífica.

Resiliência de Género e Cibernética

Desafiando as suposições e ampliando os compromissos

Uma abordagem interseccional e de género é parte integrante duma abordagem de toda a sociedade para aumentar a resiliência cibernética.

Quatro fundamentos para alcançar um programa bem-sucedido de gerenciamento de riscos cibernéticos

A base de uma segurança cibernética forte é o gerenciamento de riscos – a identificação, análise, prevenção, redução e mitigação de riscos. No passado, muitos programas de segurança cibernética concentravam-se apenas em operações técnicas



Potenciais armadilhas políticas decorrentes do conflito ucraniano

Muita atenção tem sido dada nos últimos anos para os crescentes desafios colocados pelas “ameaças híbridas” e a questão de como detê-las. Os eventos na Ucrânia levaram os aliados da NATO a acelerar a expansão das suas capacidades militares para impedir novas agressões russas, resultando numa maior vontade política de reforçar a dissuasão convencional. O curso do conflito e as consequências dele decorrentes devem levar-nos a refletir mais profundamente sobre os desafios de segurança que os países ocidentais provavelmente enfrentarão.

A crise na Ucrânia constitui um ponto de inflexão, lembrando os Estados ocidentais de forma dolorosa das suas fraquezas, mas também levando a um maior apoio político e público para maiores gastos com defesa. Ao responder a esta crise, não devemos, no entanto, voltar completamente ao pensamento da Guerra-Fria. Ninguém questiona a importância de fortalecer a dissuasão convencional da NATO, fortemente necessária para manter uma defesa coletiva credível. No entanto, não devemos ser arrastados para uma dispendiosa corrida armamentista convencional. Não devemos simplesmente adaptar cegamente a nossa política de defesa aos eventos na Ucrânia, mas também continuar a abordar plenamente as ameaças contemporâneas que afetam os estados ocidentais diariamente: ataques cibernéticos, campanhas de desinformação, guerra política e coerção económica. No final, essas ameaças têm o potencial de enfraquecer os Estados ocidentais a longo prazo e minar a velocidade e a confiança com que as decisões políticas são tomadas; decisões fortes que são muito necessárias para enfrentar o tipo de desafios atualmente observados na Ucrânia. Agora que há um forte impulso para mudanças na área de defesa e segurança, propomos duas recomendações concretas alinhadas aos desafios discutidos.



A inação não é uma opção para a União. Deve demonstrar unidade e ambição ao longo de um caminho de reforma concreto, especificamente em 10 áreas estratégicas. A UE27 deve decidir se o projeto de integração pode voltar a ser uma história de sucesso – desta vez em reação ao momento decisivo em que vivemos.

A invasão da Ucrânia pela Rússia é uma grande transgressão e uma tragédia para um país soberano e o seu povo que deseja determinar o seu próprio futuro. Não há justificativa para esta guerra de agressão e os crimes de guerra que as tropas russas já cometeram – todos movidos pela ideologia revisionista e pelas ambições neo-imperiais do presidente Putin e dos seus apoiantes.



O futuro das operações de influência

As tecnologias de informação emergentes, especialmente as baseadas em IA, podem iniciar uma nova grande evolução nas operações de influência militar. Com a possibilidade de gerar indivíduos falsos, vídeos falsos e um falso consenso sobre um assunto, a guerra híbrida pode entrar numa nova era. Além disso, potências militares de classificação inferior e atores não estatais poderiam beneficiar-se de um acesso cada vez mais fácil a essas tecnologias. A NATO, a UE e os países europeus precisam atualizar a doutrina e o processo para operações de influência e contra-influência usando o domínio da informação

SUGESTÕES DE LEITURA EURODEFENSE



PAZ E SEGURANÇA EM 2022

Panorama da ação da UE e perspectivas para o futuro

Ver mais

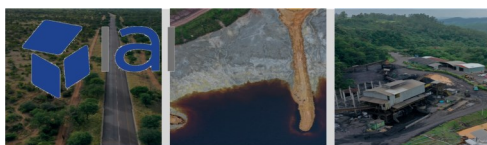
A guerra da Rússia contra a Ucrânia destruiu suposições e expectativas sobre a paz prolongada no espaço europeu mais amplo. Estimulou uma séria reflexão sobre os instrumentos e ferramentas disponíveis para salvaguardar a paz em tempos de contestação entre grandes potências e de instituições multilaterais enfraquecidas, fenómenos que têm sido observados consistentemente ao longo da última década. Ao mesmo tempo, a promoção da paz e da segurança globais continua a ser um objetivo fundamental e um pilar central da ação externa da União Europeia (UE), seguindo o modelo do seu próprio projeto de paz. Tanto dentro como fora da UE, existe uma expectativa generalizada entre os cidadãos de que a União apresentará resultados nesta área crucial. No entanto, dado que o ambiente de segurança coloca o que poderá ser o desafio mais significativo para a segurança no período pós-Guerra Fria, a UE está a intensificar urgentemente o seu trabalho pela paz e segurança em várias áreas políticas essenciais. O estado de paz no mundo deteriorou-se ligeiramente em 2021, continuando uma tendência de longa data. Além disso, o multilateralismo, um elemento central da política externa e identidade da UE, e uma pedra angular da sua abordagem à paz e segurança, está sob crescente pressão de sistemas de valores alternativos e ideologias; uma situação que foi agravada pelos efeitos da pandemia.

ESPAÑA E PORTUGAL NA GLOBALIZAÇÃO
500 anos desde a primeira circum-navegação

Ver mais

O legado da viagem de circum-navegação liderada por Fernão de Magalhães e concluída por Juan Sebastián Elcano perdura até hoje. Esta conclusão poderia encerrar qualquer debate mais alargado sobre as consequências e impactos de um feito ocorrido há mais de 500 anos. Com efeito, não poucas vezes somos tentados a observar a história como uma sucessão de breves notas de rodapé longínquas e espaçadas, sem particular impacto duradouro no nosso dia-a-dia. No entanto, nunca será demais repeti-lo: ao celebrarmos a natureza universal da primeira circum-navegação, devemos tentar renovar, sempre que possível, o espírito que nos fez contribuir de forma tão decisiva para o desenvolvimento cultural, científico e comercial de um mundo sempre por descobrir. É inegável que Portugal e Espanha partilham percursos históricos interligados, por vezes complexos, mas sobretudo paralelos na forma como souberam inserir-se nas várias etapas da globalização. Não conformados com o lugar que a geografia lhes atribuiu, procuraram sempre ir mais além, desbravando caminhos sem nunca deixarem que a capacidade de aprendizagem e superação de ambos alguma vez esmorecesse.

Atendendo ao momento de viragem com que Portugal e Espanha se deparam hoje, enfrentando um conjunto de desafios multifacetados, quer na Europa, quer no resto do mundo, agudizados por um contexto geopolítico marcado pela pandemia da COVID-19, afigura-se assim essencial procurar respostas e soluções que possam iluminar os caminhos partilhados do nosso futuro.



COMBATE AO CRIME AMBIENTAL NA EUROPA

Ver mais

Avaliação de tendências, jogadores e ação

Os crimes ambientais são uma das maiores ameaças não só aos ecossistemas e espécies protegidas, mas também à nossa economia e à nossa sociedade. Perturbam a integridade dos territórios e das comunidades, prejudicam empresas e indivíduos que trabalham e vivem de forma sustentável e ameaçam a própria existência de habitats frágeis e cuidadosamente protegidos em toda a Europa. Numa UE onde a sustentabilidade, a proteção ambiental e a coexistência com a natureza são agora valores-chave que orientam a ação política e económica, os crimes ambientais são uma ameaça existencial para o próprio futuro da Europa. Este é um problema global: o tráfico de resíduos, o comércio ilegal de madeira, a fraude de emissões e outros delitos antigos e novos estão aumentando em todo o mundo – algumas situações estão ganhando mais atenção, outras menos.



Ver mais

Procurando um novo modus vivendi

O contexto das relações UE-China mudou drasticamente nos últimos anos. Os desafios crescentes e as percepções e abordagens divergentes sobre os assuntos globais e domésticos correm o risco de minar a eficácia do diálogo bilateral. É crucial minimizar todos os equívocos e superar qualquer falta de entendimento na relação bilateral UE-China, agora mais do que nunca. O projeto EU & China Think-Tank Exchanges, coordenado pelo EPC, visa fortalecer e estimular o diálogo entre think tanks e institutos de pesquisa na UE e na China. Durante um período de três anos, o EPC e os seus parceiros incentivam especialistas, analistas e formuladores de políticas da Europa e da China a discutir questões de interesse comum, como cooperação pós-COVID-19, ação climática e meio ambiente, economia global, digitalização.



Ver mais

A Rússia está travando uma guerra de informação de grande alcance com o Ocidente. Uma parte significativa dessa guerra ocorre nas media sociais, que a Rússia emprega para espalhar desinformação e interferir na política interna de outros países. Moscovo vê os media sociais como uma faca de dois gumes – preocupada com o seu potencial para minar a segurança da Rússia, mas ciente das suas vantagens como arma de guerra assimétrica. O uso dessa arma pela Rússia aumentou acentuadamente em 2014, sugerindo uma reação à resposta do Ocidente ao conflito na Ucrânia. Embora os retratos populares da máquina de desinformação russa às vezes impliquem uma operação organizada e com bons recursos, as evidências sugerem que não é nenhum dos dois. No entanto, mesmo com investimentos relativamente modestos, a atividade de media social russa tem sido de grande alcance.



O Programa Horizonte Europa e as novas prioridades do Mecanismo de Recuperação e Resiliência

Com um orçamento de 95,5 mil milhões, espera-se que o programa Horizonte Europa possa ajudar a União Europeia a atingir a meta de investir 3% do PIB em I&D até 2030. O reforço da aposta nos fatores dinâmicos de competitividade e a articulação com os planos nacionais de recuperação e resiliência são objetivos fundamentais do novo programa-quadro de investigação e inovação da União Europeia.

Como resposta à crise pandémica, o Conselho Europeu aprovou o Plano de Recuperação para a Europa (Next Generation EU), um instrumento de recuperação a partir do qual se desenvolve o Mecanismo de Recuperação e Resiliência.

Recentemente, a Comissão Europeia apresentou a chave atualizada de repartição das subvenções do Mecanismo de Recuperação e Resiliência pelos Estados-membros, de acordo com os requisitos previstos no seu regulamento. Esta atualização teve em conta a diferença entre o crescimento real do PIB, estimado nas previsões económicas do outono de 2020 (no momento da adoção daquele

regulamento), e os dados reais entretanto divulgados pelo Eurostat. De acordo com os novos cálculos, Portugal poderá receber mais 1 634 milhões de euros em subvenções do que o valor inicialmente previsto, aumentando para cerca de 18,2 mil milhões de euros o montante global (entre subvenções e empréstimos), disponível no Plano de Recuperação e Resiliência.

Importa, no entanto, ter presente o impacto que certamente irá ter um novo quadro macroeconómico fortemente marcado pela subida da inflação e das taxas de juro nos mercados internacionais, o que só por si exigirá uma atenção especial à execução do PRR.

Ainda que a Comissão Europeia tenha mostrado abertura para o ajustamento de algumas metas estabelecidas nos planos nacionais apresentados pelos Estados-membros (devendo as negociações prolongarem-se ao longo deste ano), os prazos para a sua execução mantêm-se até 2026.

Por outro lado, a Comissão Europeia pretende incluir no processo de revisão do regulamento do Mecanismo Europeu de Recuperação e Resiliência novas prioridades em matéria autossuficiência energética, previstas no plano REPowerEU.

Estima-se que para alcançar os objetivos climáticos e energéticos propostos no Pacto Ecológico Europeu para 2030 seja necessário um investimento anual suplementar de 260 mil milhões de euros, o que corresponde a cerca de 1,5% do valor do PIB da União Europeia.

O programa Horizonte Europa está estruturado em três pilares fundamentais:

No primeiro pretende-se promover «o desenvolvimento de competências e conhecimentos de qualidade no sentido de reforçar a liderança científica da União Europeia», sendo igualmente apoiada «a criação de novos mercados, condições laborais e competências, nomeadamente nos setores mais atingidos pelos impactos negativos da pandemia».



Reflexões sobre o futuro do alargamento da UE

Desde a decisão de aceitar a Croácia como membro candidato em 2011, o debate na União Europeia sobre o seu alargamento tem sido bastante moderado. Mas em 2022, após a sangrenta invasão da Ucrânia pelas tropas russas, a nova arquitetura de segurança europeia que a UE (e a NATO) tentou construir após o fim da guerra fria foi profundamente abalada.

Pensámos que poderíamos gerir a nossa relação ambígua com a Rússia e os membros europeus da ex-União Soviética através do diálogo e de parcerias económicas. Subestimámos a urgência de estabilizar os Balcãs Ocidentais através da adesão à UE. Após a oferta de adesão à Croácia, foram feitos gestos – mais burocráticos do que políticos – para negociar a adesão de outros países dos Balcãs Ocidentais.



Dado os seus contratempos no campo de batalha, como a ocupação das regiões de Kherson e Luhansk, a Ucrânia precisa principalmente de armamento pesado, como sistemas de artilharia de foguetes de longo alcance e treino para o pessoal usar o armamento moderno de maneira eficaz.

A ofensiva russa e os seus bombardeios indiscriminados contra alvos civis em todo o país continuam. Assim, a assistência humanitária, como hospitais móveis, é necessária. O déficit orçamental do governo da Ucrânia é de 5 mil milhões US\$ por mês. Atrair ajuda governamental adequada do mundo desenvolvido e reestruturar a dívida da Ucrânia com vencimento em setembro são de vital importância.

Essa necessidade é amplificada pela urgência de reconstruir a infraestrutura crítica da Ucrânia em preparação para o inverno.



Entendendo a ordem mundial após a invasão da Ucrânia

Mudanças na ordem mundial exigem adaptação de políticas por parte dos governos. O pré-requisito para uma boa adaptação política é uma leitura precisa da natureza e magnitude dessa mudança. Isto é mais fácil dizer do que fazer. Embora sempre existam interpretações concorrentes da mudança, a tentação de proclamar uma mudança irreversível no estado do mundo é compreensível. Vários anos da pandemia de COVID, a retirada dos EUA do Afeganistão e agora a invasão da Ucrânia pela Rússia produziram leituras “heróicas” de mudança que podem não ser a base mais útil para fazer políticas. Académicos e tomadores de decisão estão declarando, de forma descuidada, que estamos num “ponto de viragem”, “ponto de inflexão”, ou “momento divisor de águas”.